

Uma Cinderela Surda: Símbolos e Contos de Fada¹

Saulo Xavier²

RESUMO: Artigo sobre os símbolos presentes na história da Cinderela Surda, a partir da teoria de Saussure. Ao considerarmos as línguas de sinais como símbolos das identidades e culturas surdas, trazemos a definição saussureana de símbolo, comentamos sobre o uso social dos contos de fada, fazendo um contraponto entre a história de Cinderela de Perrault e a Cinderela Surda – versão brasileira adaptada à realidade dos sujeitos surdos, trabalhando relações simbólicas. Ao final, observamos que a teoria de Saussure garante um maior entendimento da definição de símbolos e da relação dos significantes e seus significados, os quais, aplicados a um estudo com línguas de sinais, trazem uma compreensão clara da interface semiótica entre a linguagem dos contos de fada e a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Palavras-chave: Cultura surda; Contos de fada; Cinderela Surda; Símbolos; Saussure.

ABSTRACT: This article is about the symbols present on the story of Deaf Cinderella from the Saussure's theory viewing. Considering that the signs languages are symbols of the deaf identities and cultures, we bring the Saussure's definition for symbol; we comment the social use of the fairy tales, comparing the story of Cinderella from Perrault and the Deaf Cinderella - a Brazilian version adapted for the deaf subjects' reality, working within the symbolical relations. At the end, we observe that the Saussure's theory guarantees a bigger understanding of the symbol's definition and the relation between the significant and its significances, which, applied to a study with signs languages, brings a clear comprehension of the semiotic interface among the fairy tales' language and the Brazilian Signs Language (Libras).

Key-words: Deaf culture; Fairy tales; Deaf Cinderella; Symbols; Saussure.

Introdução

A linguagem, apesar de ser frequentemente identificada como a própria origem da razão, oferece-nos uma parte pelo todo. Isso porque, lado a lado com a linguagem conceitual, há a linguagem emocional e, na linguagem lógica ou científica, está a linguagem poética. Dessa forma, a linguagem por si só não expressa pensamentos nem idéias, mas sentimentos e afeições que exatamente formam esse sistema simbólico de relações humanas.

¹ Extraído do ensaio monográfico apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza (Unifor), para obtenção da segunda nota parcial da disciplina de Semiótica, ministrada pela Profa. Dra. Gabriela Frota Reinaldo.

² Jornalista. Graduado pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Intérprete Profissional pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Feneis. E-mail: sauloedani@hotmail.com.

De acordo com a visão de Ernst Cassirer (1977), o homem não é apenas um ser biológico, ou seja, não existe uma realidade absoluta de coisas idênticas para todos os seres vivos. Encontramos outro elo no mesmo além dos sistemas receptor e de reação em que se encontram todas as espécies animais: o sistema simbólico. Esse novo elo transforma toda a vida humana, pois, o homem, ao contrário de outros animais, vive em uma nova dimensão da realidade, não apenas em um universo puramente físico, mas simbólico, de onde fazem parte a linguagem, o mito, a arte, a religião, entre outros.

Enquanto ser simbólico, o ser humano desenvolve estratégias para poder se comunicar com os outros, com o mundo que o rodeia e se usa de várias maneiras para expressar o que sente e o que pensa. Isso não poderia ser diferente com os surdos, já que eles também são seres humanos.

As Línguas de Sinais como símbolo das identidades e culturas surdas

Os surdos são aqueles indivíduos que perderam a audição de forma parcial ou total. E são diferentes dos mudos, que são aquelas pessoas que têm algum problema ligado à voz ou ao aparelho fonatório, que é responsável pela fala. Por isso, essa idéia de mudez, quando se fala de sujeitos surdos não procede, pois esses indivíduos possuem um sistema de comunicação próprio, chamado de Língua de Sinais e, a partir de estímulos fonoaudiológicos, podem falar normalmente depois de certo tempo.

É por meio das línguas de sinais e de outras ferramentas comunicativas espaciais, corporais e visuais, que esses sujeitos firmam a identidade pessoal, desenvolvem uma cultura própria e também podem expor às outras comunidades humanas o que sentem, pensam e acreditam. No caso dos surdos que vivem no Brasil, é utilizada a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como código comunicativo deles com o mundo que os cerca.

Quadros (*apud* SOUZA 2005: 29) define os surdos como aqueles indivíduos que se identificam enquanto surdos. Segundo a autora,

surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais.

Libras é uma língua visual e espacial, articulada pelas mãos, pelas expressões faciais e corporais, natural da comunidade surda brasileira. Tem uma gramática, sintaxe, semântica e quirologia (que é o que corresponde à fonologia) próprias. “Estruturar-se a partir da visão e do espaço, fez com que as línguas de sinais fossem durante muito tempo confundidas com mímicas, pantomimas, especialmente por terem origem icônica” (PEIXOTO, 2004).

No entanto, percebe-se que a Libras é um idioma que não é simplesmente uma cópia dos objetos – sejam músicas, desenhos, entre outros – mas sim, um código que faz uso de representações padronizadas e possui uma relação arbitrária entre significante e significado, tal como as línguas orais (Peixoto *apud* Souza, 2005: 4).

Por isso, não se pode considerar as Línguas de Sinais como uma simples manifestação de linguagem, visto que é dinâmica, tem essas relações arbitrárias e também dispõe de considerações abstratas típicas de seres simbólicos, como por exemplo: dois sinais diferentes para o verbo faltar – 1 indicando faltar (pessoa) e 1 outro indicando faltar (algo). Essa abstração é própria de seres humanos, o que é diferente da linguagem das abelhas, por exemplo, que é imutável, pois, são seres incapazes de modificar esse código comunicativo racionalmente. No caso delas, modificações comunicativas são mais de origem bioquímica.

Surdos do nosso País usam os signos e símbolos da Libras para falarem o que pensam, sentem, etc. Assim, entende-se que a Libras é um símbolo da identidade e da cultura da comunidade surda no Brasil, visto que, têm sido usado de maneira ampla, com várias ferramentas próprias de toda e qualquer língua, como metáforas, jogos de linguagem, piadas, polissemias, poesias, entre outros (Ferreira Brito, 1993; Goldfeld, 1997 *apud* Peixoto, 2004).

O Símbolo na Teoria de Saussure

Escolhemos a teoria de Saussure para fundamentar esse trabalho por entendermos que a Libras possui também relações arbitrárias de significante e significado, bem como, outras redes de relações lingüísticas que se coadunam mais com as idéias explicitadas pela teoria semiológica desenvolvida por Ferdinand Saussure em seu *Curso de Lingüística Geral*. Dessa forma, vamos caminhar pelos percursos teóricos

da Semiologia para compor o nosso instrumental semiótico de análise dos símbolos que encontraremos nos contos de fada a serem apresentados no decorrer desse artigo.

Para Saussure (*apud* Goldfeld 1997 *in* Peixoto 2004), a língua é a única dentre os diversos códigos lingüísticos que é “composta por signos, sendo este último efeito da articulação de suas partes: o significante – a imagem acústica – e o significado – o conceito”. Teixeira Coelho Netto (2003: 21), ao falar de Saussure, relembra que “para Saussure a designação signo deve ser entendida como signo lingüístico, especificamente. Este é arbitrário – isto é, não há uma relação necessária entre ele e o objeto representado (...)”.

É essa relação arbitrária que, claramente, acontece na Libras, fato que a distancia da iconicidade total, pois, nem sempre o sinal que está sendo feito com as mãos vai ser a representação real do objeto no contexto em que está sendo usado. Em suma, existem sinais que são icônicos e outros que não são (Ex: *Casa* possui um sinal icônico. Já, *pedra*, não). Tampouco o sinal existe unicamente em si mesmo, pois, é necessário haver o sinal (composto por configuração de mão, ponto de articulação e movimento) mais a noção que se tem daquilo que se está querendo dizer, para se conseguir comunicar uma idéia em Língua de Sinais.

Teixeira Coelho Netto continua seu discurso explicando que, o signo difere do símbolo que, segundo Saussure, “nunca é completamente arbitrário. Saussure dá o exemplo do símbolo da justiça (uma balança) que não poderia ser substituída por outro (uma luva, uma caneta, etc.)” (2003: 21).

No entanto, percebe-se que o toque de originalidade da língua está justamente na capacidade que ela tem de veiculação de conceitos construídos com o passar do tempo por várias gerações. E a definição que a palavra ou o sinal assumem é muito mais que a nomeação de um objeto, ato ou situação, pois, é uma categoria ou generalização impossível de ser veiculada de outra forma que não pelo signo (Peixoto, 2004).

Esse processo supracitado pode ser visto na teoria de Saussure quando se percebe a relação entre a significação e o valor dos signos lingüísticos. Segundo Netto, “a significação de um signo não deve ser confundida com o significado desse mesmo signo”. (2003: 22) Logo após, esse autor esclarece que, na teoria de Saussure, “o significado é o conceito ou imagem mental que vem na esteira de um significante, e

significação é a efetiva união entre um certo significado e um certo significante” (2003: 22-23). Em seguida, Netto explica o que Saussure entende por valor de um signo. Para Saussure, segundo ele, “o valor de um signo pode ser determinado por aquilo que está à volta do signo, em seu entorno” (2003: 23).

Então, é com a teoria semiológica de Saussure que formamos uma ponte teórica a fim de elucidar as relações arbitrárias e diádicas entre significante e significado; significação e valoração; sintagma e paradigma, que permeiam os símbolos presentes na história de Cinderela e na versão brasileira adaptada, Cinderela Surda.

O objetivo principal dessa pesquisa é mostrar, por meio das idéias defendidas por Ferdinand Saussure, essa interface semiótica que existe entre os símbolos da versão clássica de Cinderela (a que foi re-adaptada para o Cinema pelos Estúdios Disney) e a versão adaptada à Libras, que é a Cinderela Surda.

Uso Social dos Contos de Fada: importância e interpretação

Os contos de fada têm um importante valor no que concerne à investigação dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Sendo superior a qualquer outro material, representam os arquétipos, ou seja, o campo favorável para a criação de determinadas imagens, símbolos e idéias.

De acordo com Marie Louise Von-Franz (FRANZ, 1990), “o inconsciente está na mesma posição de alguém que teve uma visão ou experiência original e quer compartilhá-la”. Quando uma pessoa está nessa situação, geralmente quer saber o sentido dessa sua experiência que pode ser um sonho ou um fenômeno sobrenatural, recorrendo a meios familiares a fim de encontrar alguma resposta que tranquilize a sua mente. De acordo com Von-Franz, “cada conto de fada é um sistema relativamente fechado composto por um significado psicológico essencial, expresso numa série de figuras e eventos simbólicos, sendo desvendável através destes... (Franz, 1990)”.

Os contos de fadas são utilizados como forma de análise, por meio de sua linguagem simples e objetiva, que desperta mais a atenção das pessoas, procurando dentro delas um campo de identificação favorável, atingindo assim suas consciências, fazendo que as mesmas levem de forma consciente para o inconsciente todo esse sistema de símbolos, caracterizando suas emoções diante da leitura de um conto.

O leitor, apesar de saber que não existem varinhas mágicas e fadas madrinhas, no momento da leitura, transporta-se para aquele mundo distante de qualquer tempo e espaço, desejando para si aquela fantasia, interligando esses pensamentos ao seu sistema simbólico, no qual são formadas todas as cadeias de sentimentos, emoções e fantasias. Cada pessoa tem sua própria forma de experienciar essa realidade psíquica.

Os contos de fadas, de acordo com a teoria de Platão, estão ligados à educação das crianças, pois, as histórias simbólicas eram contadas por mulheres mais velhas ao longo de muitas gerações. É importante observar que existem indícios de que os principais temas de contos de fada se repetem continuamente desde 25.000 anos a.C.

Foi em razão da busca religiosa por algum sentido tão presente no século XVIII, que os irmãos Grimm foram levados a escrever contos folclóricos, contando a história da mesma forma que era contada pelas pessoas das redondezas.

Von Franz apresenta que, “contar contos de fada tornou-se uma espécie de ocupação espiritual essencial. Chegou-se mesmo a dizer que os contos de fada representavam a filosofia das rodas de fiar” (1990). A coleção dos Irmãos Grimm fez um sucesso tremendo, e várias versões de contos de fadas foram surgindo no mundo todo, começando a partir de então o interesse científico em pesquisar sobre essa “antiga sabedoria ou fé”.

Decorrente aos contos dos irmãos Grimm, surgiu a Escola Simbólica, tendo como base que os mitos expressavam simbolicamente realizações e pensamentos filosóficos mais profundos, sendo um ensinamento místico de algumas verdades mais profundas em relação a Deus e ao mundo.

Visto não haver naquela época nenhum conhecimento ou hipótese sobre a estrutura da psiquê humana, surgiu um interesse em descobrir como teriam se originado os contos de fada e quando teriam migrado, o que ocasionou várias hipóteses a respeito desse tema. Mediante tantas hipóteses, ficou constatado que os contos de fada surgiram a partir de sagas locais, ou seja, de histórias que envolvem fenômenos parapsicológicos que são contados de boca em boca, nos quais, sentimentos e reações são relatados.

Essas histórias, assim sendo, podem migrar de uma cidade pra outra, ou de um país para outro. Como definiu a autora: “os contos de fadas são abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente

contada e retida na memória, pois dessa forma toca mais diretamente as pessoas” (1990). Quando a história está enraizada em alguma região podemos dizer que é uma saga local, quando vai se desprendendo das suas raízes, perdendo sua identidade adquire a característica abstrata de um conto de fada, e assim vai prosseguindo sendo adaptado ou modificado.

A partir dos contos de fada, as pessoas podem ser facilmente analisadas mediante sua interpretação, pois, as histórias são fora de tempo e de espaço, o que leva as pessoas a viajarem para aquele mundo distante, para um mundo infantil do inconsciente coletivo, em que não podem ficar. Como explicou Von Franz: “(...) interpretação psicológica é o nosso modo de contar histórias, pois ainda necessitamos delas e ainda aspiramos á renovação que advém da compreensão de imagens arquetípicas. Nós sabemos muito bem que a interpretação é nosso mito” (1990).

História de Cinderela

A história de Cinderela vem sendo continuamente escrita e reinventada por diferentes culturas conhecidas. Exemplos disso é o filme “Para sempre Cinderela”, com Drew Barrymore, e outros livros como o Cinderela Surda. Várias versões foram feitas e reescritas, acrescidas de detalhes, mudando apenas as formas em que a heroína da história recebe a sua recompensa por sua bondade e humildade depois de tantas penitências.

A primeira versão de Cinderela que se tem notícia se chamava *Yeh-hsien*, oriunda do Oriente, sob a autoria de *Tuan Ch’Engshih*, datada de 850 d.C. Nessa versão, a personagem também faz trabalhos difíceis, mas consegue ser agraciada com um vestido feito de plumas.

Nesse conto oriental, as malvadas irmãs e a madrasta são mortas a pedradas, o que contraria a versão de Perrault, cujo final é triunfante e detém uma lição de amor, que é mostrada no momento em que Cinderela perdoa as causadoras de suas humilhações e maus-tratos.

O que difere ainda do escritor francês são os “benfeitores mágicos”, pois, a salvação de *Yeh-hsien* aparece na forma de um peixe de três metros de comprimento que lhe proporciona ouro, pérolas, vestidos e comida. Já na versão de Perrault uma fada-

madrinha, que pode ser compreendida como aquela que assumiu a figura de sua boa mãe falecida, lhe concede uma carruagem, lacaios e um lindo traje de gala, com sapatinhos mágicos e encantados de vidro.

É importante observar que os contos de fada atribuem um grande valor às aparências, ou seja, a Cinderela é sempre bela e seu vestido mágico a torna a mais perfeita criatura humana já vista por olhos mortais. Outro ponto onde é dada uma grande ênfase é a teoria do casamento perfeito, o que muitas vezes contesta a realidade social, mas essa teoria, no entanto, predomina como uma fonte de fascinação no imaginário dos adultos e das crianças.

Outras versões também fizeram parte da evolução histórica de Cinderela. Houve narrativas austríacas, aquelas escritas pelos irmãos Grimm em que eles descrevem com detalhes (inclusive sobre o sangue derramado) uma cena muito forte das irmãs cortando pedaços de seus calcanhares para poderem conseguir calçar o sapatinho de cristal de Cinderela, até chegarmos à versão *Cendrillon*, de Perrault que foi a que serviu de base para a produção do clássico veiculado por Walt Disney que adaptou o conto de Perrault dando novas ênfases e novos rumos para o desfecho da história.

No conto de Perrault, lagartos são transformados em lacaios que sobem atrás da carruagem para prestar auxílio a Cinderela. A heroína, percebendo suas vestes, não se contentou ao perceber seus velhos trapos. No mesmo instante, a fada madrinha toca sua varinha mágica na moça e de seus trapos surgem um traje brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias, além de um par de sapatinhos de vidro, que, segundo Perrault eram os mais lindos do mundo.

Essas são as versões mais clássicas de Cinderela. O conto de Perrault encerra com a heroína vivendo feliz para sempre e perdoadando as duas irmãs dos atos maléficos e ainda mostra que a ida da Cinderela ao baile com trajes deslumbrantes não aconteceu apenas uma noite. Foram três noites com aparições estonteantes que deixaram o príncipe totalmente apaixonado por aquela princesa misteriosa. Perrault mostra isso claramente, o que muitos outros contos apresentam como sendo apenas um dia de festa em que, magicamente, o amor aconteceu à primeira vista entre Cinderela e o Príncipe, para o autor de *Cendrillon*, foi um processo que aconteceu naturalmente.

História da Cinderela Surda

Cinderela Surda é a primeira obra literária do Brasil escrita na Língua Brasileira de Sinais e também na Escrita de Sinais (signswriting). Segundo a própria apresentação do livro, “não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto”. (HESSEL, *et al*, 2003, p.5).

Publicada em 2003, é uma releitura do clássico Cinderela, totalmente voltada para a Língua, Identidade e Cultura dos Surdos Brasileiros. É um livreto de 36 páginas, que foi redigido pela equipe coordenada por Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp, sendo que, foi ilustrado pelos desenhos de Carolina Hessel e impresso na Editora da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra).

Cinderela Surda é um produto resultante das pesquisas do Laboratório de Pesquisa em Estudos Surdos da Ulbra e contou com a colaboração da Professora Doutora Marianne Stumpf, surda, que tem especialidade na área de escrita de sinais e atuou como consultora na elaboração do conteúdo de Signswriting da obra.

Como os próprios autores do projeto comentam na apresentação da obra,

“a maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, nesse texto, é recontar essa história a partir de uma outra cultura, uma cultura surda. Assim, este livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como signswriting”. (*op. cit.* 2003).

Diferente da Cinderela Clássica, nossa personagem principal é surda e a história nos mostra que ela mora com a madrasta e as duas irmãs que são más e sabem pouco a língua de sinais. Depois de muito sofrer, Cinderela consegue uma ajuda de uma fada para ir ao baile que foi promovido pelo príncipe do Reino. Segundo os autores, “o encontro com o príncipe é surpreendente, pois, ele é surdo e comunica-se com Cinderela em sinais” (*op.cit.* :5).

Em vez de deixar com o príncipe o sapato, Cinderela deixa uma linda luva rosa. Depois disso, o príncipe ordena aos seus empregados que procurem em todas as casas do reino pela moça cuja mão cabe perfeitamente naquela luva, pois ela seria a mulher com que ele iria se casar. Depois de muito procurar, encontraram a casa de Cinderela, que estava trabalhando na cozinha e por isso não viu eles entrando.

Mas, depois da madrasta mentir dizendo que suas filhas eram surdas e ver que a luva não serviu em nenhuma delas, o empregado mandou-a que chamasse a empregada surda que estava trabalhando. Daí, Cinderela provou a luva e serviu perfeitamente. Todos ficaram felizes, o príncipe a encontrou e, segundo os autores: “(...) casaram-se e foram felizes por muito tempo” (*op.cit.* 2003).

Por fim, entendemos que Cinderela surda ensina às crianças surdas que elas podem continuar sinalizando mesmo se onde elas estiverem ninguém souber sinais e ainda mostra às meninas surdas que é possível sonhar com o príncipe, pois, ele também pode ser surdo.

Símbolos – Cinderela X Cinderela Surda

Alguns símbolos presentes na História Clássica de Cinderela

Pé – sob um ponto de vista mais psicanalítico, o pé tem um significado fálico e andar de pés descalços, como era típico na época em que se passou a história de Cinderela pode ter um grande significado em rituais de fertilidade. No caso, quando Cinderela largou o “andar descalça” e colocou o sapatinho de cristal ou de vidro (como há em outras versões) significa que ela estava passando por uma fase de maturidade sexual (de adolescente para mulher).

Sapato – poderiam simbolizar a vulva.

Abóbora – poderia simbolizar a fertilidade por causa do vasto número de sementes que possui, além de ser comparada ao útero.

Vestido – pode ser um sinal de adaptação social e de nível social. Além disso, pode ser a característica de uma profissão, como também, o ato de trocar de roupa pode simbolizar o ingresso em uma nova fase da vida, ou em uma nova comunidade. Nesse caso, Cinderela, ao aparecer de vestido deslumbrante no baile oferecido pelo príncipe, ela estava na verdade passando para uma nova fase de sua vida (adulta, candidata à esposa e pertencente à nobreza).

Príncipe – Em várias histórias aparece como o herói brilhante, como a encarnação da ação e transformação moral jovem, ativa, mas também de paciência constante. Do ponto de vista psicanalítico, pode ser compreendido como aquele que representa as forças vitoriosas do eu.

Alguns símbolos marcantes da História da Cinderela Surda

Luva – Podem simbolizar a pureza e a dignidade. Nesse caso, já se difere da Cinderela clássica porque não caracteriza uma passagem ou maturação sexual. Essa passagem acontece mais precisamente no momento em que a abóbora é transformada em carruagem e no instante em que ela aparece com um vestido lindo na festa.

Mãos – podem simbolizar atividade e poder e, além disso, podem desempenhar em diversas culturas um papel importante como instrumento de comunicação e expressão. É justamente o que acontece no caso da cultura surda, por exemplo.

Também podem ser destacados os outros símbolos que se repetem tal como a versão tradicional de Cinderela: abóbora, vestido e príncipe.

Em uma análise mais semiológica, percebe-se que as relações diádicas entre significante e significado estão presentes nesse discurso da Cinderela Surda. Principalmente, quando ele é narrado aos espectadores surdos, que logo perguntam: qual é o sinal? O que significa? Nessa hora é que se comprovam as díades semiológicas por todo o texto de Cinderela Surda.

Então, entende-se que, no intuito de adaptar a mensagem de Cinderela para a realidade dos surdos, a significação dos símbolos foi “mexida” para dar uma maior aproximação da história com o próprio leitor. Os símbolos não mudaram, o que mudou foram seus significantes e alguns de seus significados. No caso, esquecer um sapato, não chamaria tanto a atenção de uma platéia surda. Mas, esquecer com o príncipe surdo uma luva, chama a atenção daqueles que não escutam.

Considerações Finais

Dessa forma, encerramos nossa pesquisa dizendo que esse conto de fadas Cinderela é uma narrativa que, aparentemente, vem se perpetuando ao longo dos séculos por apresentar uma mensagem atual e uma rede de conflitos sempre presente em qualquer geração, inclusive, nas mais várias culturas, que se usam de narrativas simbólicas para preparar as pessoas para as transformações da vida, como o casamento, no caso de Cinderela. Além disso, é o conto que tem mais releituras, desde o cinema, teatro, musicais, balé, óperas, até para outras realidades simbólico-culturais, como no caso da Cinderela Surda.

Em relação ao referente trabalho concluído, tivemos como principal dificuldade, atribuir um ponto central para a nossa análise, visto que vários fatores influenciaram a nossa decisão. Desde a leitura das Crônicas de Nárnia até livros sobre surdez como o caso do livro Como Ser Surdo. Lemos de tudo um pouco sobre contos de fada até nos decidirmos sobre Cinderela depois de termos nos deparado com o vasto universo simbólico da Cinderela Surda.

É importante constatar a nossa experiência, na qual pudemos compreender, mais uma vez, que tudo está ligado ao nosso sistema simbólico. Escolhemos como base do nosso trabalho, a visão de Saussure que nos proporcionou um maior entendimento da definição de símbolos e da relação dos significantes e seus significados, teoria essa, que, embasada no estudo que envolve os contos de fadas e a língua de sinais nos proporcionou uma real compreensão da interface semiótica entre a linguagem dos contos de fada e a Língua Brasileira de Sinais.

Notas

³ Interpretação desses símbolos deu de acordo com o Dicionário de Símbolos, de Udo Becker, da Editora Paulus.

⁴ Interpretação desses símbolos se deu de acordo com o Dicionário de Símbolos, de Udo Becker, da Editora Paulus.

Referências Bibliográficas

BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999.

- CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica: ensaio sobre o homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- HESSEL, Carolina, ROSA, Fabiano, KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas: Ulbra, 2003.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PEIXOTO, R. C. Entre palavras e sinais: a lingua(gem) em questão. In:____. **Psicopedagogia clínica e surdez: possibilidades de um encontro**. Fortaleza: Faculdade Christus, 2004, p. 27–36.
- SOUZA, S. X. **Sentidos do Outro Lado: a percepção da mensagem das notícias de telejornais locais de TV Aberta por sujeitos surdos**. Projeto de Pesquisa. Fortaleza. 2005a, p.04.
- SOUZA, S. X. **Sentidos do Outro Lado: percepção da mensagem de notícias do telejornal local de TV aberta “Jornal do 10” por sujeitos surdos**. Monografia. Curso de Jornalismo. Universidade de Fortaleza - Unifor. Fortaleza. 2005b, p.29.
- TATAR, M. **Contos de Fadas: edição ilustrada**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.